O VAMPIRO
JOHN WILLIAM POLIDORI
Tradução e edição
CIDICLEI MEDEIROS

Esta obra é de acesso livre para fins educacionais.

É permitida a impressão, cópia e distribuição gratuita deste livro para uso didático, pedagógico e não comercial, desde que mantidos os créditos do autor e a integridade do conteúdo.

É proibida a venda, alteração do conteúdo ou uso comercial sem autorização prévia e expressa do titular dos direitos.

Título: O Vampiro
Responsável pela tradução e edição: Cidiclei da Silva Medeiros

1ª edição – 2026
Salvador – BA – Brasil
Publicação independente

https://www.imagismo.com.br/início

O Vampiro

John William Polidori

Texto Original: Project Gutenberg

Língua Original: Inglês (1819)

Suporte tecnológico de IA na tradução: Gemini (Google)

Tradução, edição, revisão e adaptação literária: Prof. Cidiclei Medeiros

John William Polidori (1795–1821) foi um médico e escritor inglês que se doutorou em medicina com apenas 19 anos, antes de se tornar médico pessoal de Lord Byron. Durante o célebre "ano sem verão" de 1816, na Vila Diodati, ele participou do famoso desafio de histórias de fantasmas ao lado de Byron e Mary Shelley, concebendo o conto O Vampiro (1819). Ao moldar o protagonista Lord Ruthven à imagem sedutora e aristocrática de Byron, Polidori transformou o monstro bruto do folclore em um predador elegante, inaugurando o mito do vampiro moderno; contudo, seus anos finais foram sombreados por crises depressivas, dívidas de jogo e pelo desgosto de ver sua obra-prima inicialmente atribuída a Byron, vindo a falecer precocemente aos 25 anos.

SUMÁRIO

Trecho de uma Carta de Genebra 5
O Vampiro (Introdução) 9
O Vampiro 12
Extrato de um Carta, Contendo um Relato 29

TRECHO DE UMA CARTA DE GENEBRA

Encontro pleno alento nas proximidades deste lago; o solo que piso ostenta cultivo desde eras imemoriais; os principais elementos que de pronto me cativam a atenção trazem à memória cenários em que o homem figurava como o herói e o centro das atenções. Sem que seja necessário regressar às remotas eras de batalhas e cercos, depara-se aqui com o busto de Rousseau — eis uma habitação com inscrição que assinala ter o filósofo genebrino nascido sob o seu teto.

A pouca distância da cidade situa-se Ferney, a residência de Voltaire; local onde esse indivíduo admirável, conquanto sob múltiplos aspectos deplorável, recebia, à semelhança dos ermitões de outrora, a visita de peregrinos provindos não apenas de sua própria pátria, senão também dos confins da Europa. Encontra-se igualmente aqui a morada de Bonnet e, a escassos passos, a vivenda daquela mulher extraordinária, Madame de Staël: quiçá a primeira de seu sexo a demonstrar de fato a tão propalada igualdade face ao homem.

Já possuíamos escritoras que produziram romances e poemas de vivo interesse, obras nas quais o tato na observação dos costumes de salão se lhes mostrou de grande utilidade; contudo, jamais desde os tempos de Heloísa essas faculdades inerentes ao homem se desenvolveram como herança possível à mulher. Embora mesmo neste caso, a exemplo do que sucedeu a Heloísa, o nosso sexo não tenha vacilado em apontar a existência de um Abelardo na pessoa de M. Schlegel como o verdadeiro mentor de suas composições.

Mas prossigamos: deste mesmo lado do lago, Gibbon, Bonnivard, Bradshaw e outros assinalam, por assim dizer, os marcos do nosso progresso coletivo; ao passo que, na margem oposta, ergue-se uma casa, erigida por Diodati, amigo de Milton, a qual resguarda entre suas paredes, há vários meses, aquele poeta cujas obras tantas vezes lemos juntos, e que — se as paixões humanas preservarem a sua essência, e os sentimentos, quais cordas acionadas pelos impulsos da natureza, vibrarem como outrora — a posteridade há de colocar na primeira linha dos nossos poetas ingleses.

Certamente já ouvistes falar, ou o Terceiro Canto de *Childe Harold* vos deu notícia, de que Lord Byron residiu longos meses nesta região. Há poucos dias, após uma visita a Ferney, dirigi-me com alguns amigos a esta mansão. Percorri os aposentos com a mesma reverência e o profundo respeito que partilhamos outrora perante a residência de Shakespeare em Stratford. Sentei-me em uma cadeira do salão com a certeza de que repousava no exato local onde ele costumava assentar-se.

Ali conheci uma criada que o servira; ela, contudo, prestou-me escassas informações. Indicou-me o aposento dele, situado no mesmo pavimento do salão e da sala de jantar, e esclareceu-me que o poeta se recolhia para o descanso às três da madrugada, despertava às duas da tarde e dedicava longo tempo aos cuidados de sua higiene pessoal; que jamais conciliava o sono sem um par de pistolas e uma adaga à cabeceira, e que se abstinha por completo de carne. Ao que consta, passava parte de cada jornada no lago, a bordo de uma embarcação inglesa.

O salão dispõe de uma varanda voltada para o lago e para a cordilheira do Jura; e suponho que tenha sido daquele ponto que ele contemplou a tempestade tão magnificamente descrita no Terceiro Canto, porquanto se descortina dali uma visão panorâmica de todos os acidentes geográficos delineados na obra. Posso imaginá-lo como o pinheiro fustigado pela tormenta,

enquanto toda a natureza ao redor mergulhava em calmaria, ainda desperto para observar o espetáculo que lhe trazia apenas uma vaga reminiscência das tempestades que outrora lhe dilaceraram o próprio peito

O céu mudou! — e que mudança! Ó noite!
Tempestade e trevas, sois maravilhosamente fortes,
Contudo fascinantes em vosso vigor, como o brilho
De um olhar sombrio no semblante feminino! Ao longe,
De cume em cume, entre os rochedos fragorosos,
Reverbera o trovão! Não de uma nuvem solitária,
Mas cada montanha agora obteve uma voz,
E o Jura responde por meio de seu manto de bruma,
De volta aos ridentes Alpes que o invocam em alto som!

E tudo isto se passa à noite: — Noite magnífica!
Não foste dada para o sono! Consente que eu
Comungue de tua remota e veemente exultação, —
Uma parcela da tormenta unida a mim!
Vede como o lago, sob a luz dos relâmpagos, cintila qual mar fosfórico,
E a imensa torrente de chuva precipita-se célere rumo ao solo!
E agora, uma vez mais, tudo se obscurece, — e logo a vivacidade
Dos outeiros clamorosos pulsa com o seu júbilo montanhoso,
Como se as cordilheiras celebrassem a eclosão de um jovem sismo!

Agora, no ponto onde o rápido Reno rasga a sua senda entre
Alturas que se erguem quais amantes apartados às pressas,
Cujos abismos profundos de tal modo se interpõem
Que já não lhes é dado o reencontro, embora com a alma despedaçada;
Ainda que em seus íntimos, que assim se privaram um ao outro,
O amor fosse a própria gênese da paixão devoradora
Que murchou o vigor de suas existências e depois se ausentou —

Extinguiu-se, mas legou-lhes um ciclo de anos,

Todo um inverno — um conflito íntimo a perpetuar.

Dirigi-me até o pequeno ancoradouro, se me perdoais o termo, local onde a sua embarcação costumava fundear, e dialoguei com o proprietário da habitação, que dele cuidava. Podereis sorrir, contudo encontro satisfação em cooperar para a reconstituição íntima do indivíduo que admiro, ao obter ciência das circunstâncias que o cercavam no cotidiano. Formulei inúmeras indagações na cidade a seu respeito, todavia nada logrei descortinar. Ele frequentou o convívio local uma única vez, ocasião em que o Sr. Pictet o conduziu para passar o serão na residência de uma dama. Afirmam que ele se mostra um homem singularíssimo e parecem julgá-lo de extrema descortesia.

Entre outros episódios, relatam que, após oferecer um jantar ao Sr. Pictet e a Bonstetten, partiu de barco rumo a Chillon, de modo que incumbiu um cavalheiro de sua comitiva para recebê-los e apresentar as suas escusas. Em outra noite, convidado para o salão de Lady D—— H ——, prometeu comparecer; contudo, ao aproximar-se das janelas da vivenda de Sua Senhoria e notar que o recinto transbordava de convivas, deixou o amigo no solo com o encargo de desculpá-lo e regressou de pronto para casa.

Tais fatos desmentem o boato que, segundo me relatais, propaga-se na Inglaterra, de que os seus compatriotas o teriam hostilizado no continente. A realidade, em verdade, configura o exato oposto, visto que ele era amiúde procurado por eles, embora, na maior parte das vezes, sem qualquer êxito. Conta-se, inclusive, que em sua primeira visita a Coppet, ao seguir o lacaio que anunciara o seu nome, ele se surpreendeu ao deparar com uma senhora que se retirava desfalecida; todavia, antes que ele estivesse assentado por mais de alguns minutos, a mesma dama, cuja emoção despertara ao ouvir o nome do poeta, retornou ao salão e conversou com ele por longo tempo — tamanho é o interesse e o afeto feminino! Ele visitava Coppet com frequência e, por conseguinte, convivia ali com vários de seus patrícios, os quais não manifestavam nenhuma relutância em seu trato; a ele, a quem somente os seus detratores reputavam como um pária.

Conquanto não tenha obtido êxito nesta cidade, bafejou-me maior sorte em minhas buscas por outros paragens. Existe um círculo social a cinco ou seis quilômetros de Genebra, cujo centro aglutinador é a Condessa de Breuss, uma dama russa, de íntimo convívio com os membros daquela comunidade, os quais costumava reunir em sua mansão. Foi principalmente ali, conforme apurei, que o cavalheiro que viajou com Lord Byron, na qualidade de médico, buscou convívio. Ele costumava atravessar o lago quase todos os dias, desacompanhado, em uma de suas embarcações de fundo chato, e regressava após passar o serão com os seus amigos, por volta das onze horas ou da meia-noite, amiúde enquanto as tormentas rugiam nos cumes das montanhas circundantes.

Como ele se tornou íntimo, por força de prolongada convivência, de várias famílias desta região, coligi, a partir de seus relatos, alguns excelentes traços do caráter de Sua Senhoria, os quais

vos participarei em oportunidade futura. Devo, contudo, isentá-lo de uma imputação que lhe foi dirigida: a de manter em sua habitação duas irmãs como cúmplices de seus festejos. Tal acusação, à semelhança de tantas outras que se ergueram contra Sua Senhoria, é de todo desprovida de veracidade. O seu único par de convívio era o médico a quem já fiz menção.

O boato originou-se da seguinte circunstância: o Sr. Percy Bysshe Shelley, cavalheiro conhecido pela extravagância de suas doutrinas e pela ousadia, em seu ofício, de registrar-se com o título de Atheos no Álbum de Chamonix, alugara uma vivenda onde residia com as senhoritas M.W. Godwin e Clairmont (filhas do célebre Sr. Godwin); estes visitavam Diodati com frequência e eram vistos amiúde no lago em companhia de Sua Senhoria, fato que deu azo ao rumor, cuja exatidão é aqui categoricamente negada.

Entre outros episódios que a dama, de quem coligi tais reminiscências, me transmitiu, ela fez menção ao esboço de uma narrativa de assombração de lavra de Lord Byron. Ao que consta, em determinada noite, Lord Byron, o Sr. P.B. Shelley, as duas damas e o cavalheiro citados anteriormente, após a leitura de uma obra alemã intitulada Phantasmagoriana, puseram-se a relatar histórias de fantasmas; no momento em que Sua Senhoria recitou o preâmbulo de Christabel, então inédita, a matéria impressionou o Sr. Shelley de tal modo que este se ergueu subitamente e retirou-se a correr do aposento.

O médico e Lord Byron saíram em seu encalço e o encontraram apoiado a uma lareira, com gotículas frias de suor a lhe pender da fronte. Depois que lhe ofereceram um lenitivo para o restabelecimento, ao indagarem acerca do motivo de seu sobressalto, constataram que a sua mente prodigiosa lhe projetara o seio de uma das damas provido de olhos (fenômeno que outrora lhe relatara com respeito a uma senhora das cercanias de sua antiga morada), de sorte que ele se vira compelido a abandonar o recinto para dissipar o fantasma.

Posteriormente, durante a conversa, propôs-se que cada um dos presentes compusesse um conto fundado em algum elemento sobrenatural, tarefa com a qual se comprometeram Lord Byron, o médico e a senhorita M.W. Godwin. Minha amiga, a dama referida acima, guardava sob sua posse os lineamentos de cada uma dessas narrativas; obtive-os como especial favor e os transmito a vós, visto que me assegurastes partilhar de igual curiosidade à minha em examinar os esboços de um gênio de tamanha grandeza e daqueles que se achavam sob o seu influxo direto.

O VAMPIRO

INTRODUÇÃO

No Jornal de Londres de março de 1732, depara-se com um relato curioso e, por certo, verossímil de um caso específico de vampirismo, ocorrido, segundo consta, em Madreyga, na Hungria. Oficiais e magistrados locais, após detalhado inquérito presidido pelo comandante-em-chefe, asseveraram, de forma categórica e unânime, que, cerca de cinco anos antes, um certo heyduke, de nome Arnold Paul, relatara que, em Cassovia, nas fronteiras da Sérvia turca, fora fustigado por um vampiro; lograra, no entanto, encontrar um meio de livrar-se do malefício ao ingerir um punhado de terra do sepulcro da criatura e ao ungir-se com o sangue dela.

Tal precaução, contudo, não impediu a sua própria transformação posterior; pois, decorridos cerca de vinte ou trinta dias após a sua morte e sepultamento, muitas pessoas queixaram-se de tormentos infligidos por ele, e colheu-se o testemunho de que quatro indivíduos haviam sido privados da vida em decorrência de seus assaltos. Para pôr termo a maiores agravos, os habitantes, após consulta ao seu hadagni, exumaram o corpo e o encontraram (conforme se supõe habitual em tais manifestações) viçoso e inteiramente livre de putrefação, a expelir sangue puro e rubro pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. Obtida essa comprovação, valeram-se do remédio costumeiro. Uma estaca foi cravada de lado a lado no coração e no peito de Arnold Paul, que, segundo as crônicas, soltou um grito tão terrível como se ainda albergasse a vida. Feito isto, deceparam-lhe a cabeça, cremaram o seu corpo e lançaram as cinzas na sepultura. As mesmas providências foram aplicadas aos despojos daqueles que haviam perecido outrora pelo vampirismo, a fim de que não se convertessem, por sua vez, em algozes dos sobreviventes.

Esta monstruosa farsa é aqui relatada por se mostrar mais adequada à ilustração do tema das presentes notas do que qualquer outro exemplo que se pudesse apresentar. Em diversas regiões da Grécia, considera-se uma espécie de punição póstuma, por algum crime hediondo cometido em vida, que o falecido não apenas esteja condenado a atuar como vampiro, senão também obrigado a circunscrever suas incursões infernais unicamente aos seres que mais amou enquanto habitou a Terra — aqueles aos quais se achava vinculado por laços de consanguinidade e afeto. — Suposição esta aludida em O Giaur

Mas primeiro na Terra, como Vampiro enviado,

Teu cadáver será arrancado de seu túmulo;

Então, fantasmagórico, assombrarás a pátria natal

E sugarás o sangue de toda a tua estirpe;

Ali, de tua filha, irmã e esposa,

À meia-noite, drenarás a torrente da vida;

Contudo, detestarás o banquete que, por força,
Nutrirá teu cadáver lívido e vivo;
Tuas vítimas, antes mesmo do último suspiro,
Saberão que o demônio é o seu progenitor;
Enquanto descarregas sobre elas a tua imprecação,
Tuas flores murcharão ainda no talo.

Mas aquele que por teu crime há de tombar,
O mais jovem, o mais dileto de todos,
Te abençoará com o nome de pai —
E esta palavra envolverá teu coração em chamas!
Contudo, deves findar a tua tarefa e vigiar
O último matiz de sua face — a centelha derradeira de seu olhar,
E o derradeiro fulgor vítreo
Que se congela sobre o seu azul sem vida;
Então, com mão sacrílega, arrancarás
As mechas de seus cabelos dourados,
Dos quais, em vida, uma única vertente, quando colhida,
Era o mais caro penhor de afeto —
Mas que agora levas contigo apenas como
O memorial da tua própria agonia!

Contudo, com teu próprio sangue mais puro a verter,
Teu dente a ranger e teu lábio exangue,
Caminharás, enfim, para o teu túmulo sombrio;
Irás — e com os Gouls e Afrits delirarás,
Até que estes, horrorizados, se afastem
Diante de um espectro mais maldito do que eles.

O Sr. Southey também introduziu, em seu poema selvagem, embora belo, Thalaba, os despojos vampíricos da serva árabe Oneiza, a qual é representada como alguém que retornou da

sepultura com o propósito de atormentar aquele a quem mais amou em vida. Não se pode supor, contudo, que tal fado tenha resultado da pecaminosidade de sua existência, visto que ela é retratada ao longo de toda a narrativa como um modelo de pureza e inocência. O veraz Tournefort relata longamente, em suas crônicas de viagem, diversos casos surpreendentes de vampirismo, dos quais alega ter sido testemunha ocular; e Calmet, em sua grande obra sobre a matéria, além de uma variedade de episódios e narrativas tradicionais que ilustram seus efeitos, apresentou algumas dissertações eruditas, com o intuito de provar que se trata de um equívoco tanto clássico quanto bárbaro.

Muitas observações curiosas e interessantes sobre essa superstição singularmente horrível poderiam ser acrescentadas; embora o presente texto baste para os limites de uma nota, necessariamente dedicada a esclarecimentos, a qual se pode agora concluir simplesmente com a observação de que, embora o termo Vampiro seja o de acepção mais geral, existem vários outros sinônimos correlatos, usados em várias partes do mundo: tais como Vroucolocha, Vardoulacha, Goul, Broucoloka, entre outros.

O VAMPIRO

Sucedeu que, em meio às dissipações características de um inverno londrino, surgiu nas diversas recepções da alta sociedade um nobre, mais notável por suas excentricidades do que por sua posição social. Ele contemplava a vivacidade ao seu redor como se dela não pudesse partilhar. Ao que parecia, o riso leve das damas só lhe despertava a atenção para que, com um único olhar, pudesse silenciá-lo e incutir sobressalto naqueles corações onde reinava a leviandade. Aqueles que experimentavam essa sensação de temor não sabiam explicar a sua origem: alguns a atribuíam às suas pupilas acinzentadas e inertes que, ao se fixarem no semblante do indivíduo, pareciam não o penetrar e, de um só relance, não alcançar o âmago da alma; mas recaíam sobre a face com um raio plúmbeo que pesava sobre a pele, incapaz de atravessá-la.

Suas singularidades fizeram com que fosse convidado a todas as paragens; todos ansiavam por vê-lo, e aqueles que, habituados à agitação febril, sentiam agora o fardo do tédio, contentavam-se em ter à sua presença algo capaz de reter a atenção. Apesar da palidez mortal de seu rosto, que jamais adquiria um tom mais cálido, fosse pelo rubor da modéstia ou pela forte emoção da paixão, conquanto sua fisionomia e contornos fossem belos, muitas das mulheres que buscavam notoriedade tentaram cativar sua atenção e obter, ao menos, alguns indícios do que poderiam denominar afeto.

Lady Mercer, a qual fora alvo de zombaria de quantos pretensos conquistadores se exibiam nos salões desde o seu matrimônio, lançou-se em seu caminho e quase se portou como uma comediante para atrair o seu interesse — embora em vão. Quando parou diante dele, conquanto os olhos do nobre estivessem aparentemente fixos nos dela, parecia que não os percebia; — até mesmo a impudência destemida da dama foi frustrada, de sorte que ela se retirou.

Contudo, se a adúltera comum não conseguia comover sequer o olhar dele, não significava que o sexo feminino lhe fosse indiferente: tal era a aparente reserva com que ele falava à esposa virtuosa e à filha inocente, que poucos sabiam que ele alguma vez se dirigia a mulheres. Ele detinha, no entanto, a reputação de possuir uma língua ferina; e, quer fosse porque essa eloquência superasse o temor de seu caráter singular, quer porque as mulheres se comovessem com seu aparente asco ao vício, ele transitava tanto entre as matronas que se orgulhavam de suas virtudes domésticas, quanto entre aquelas que as maculavam com suas torpezas.

Por volta do mesmo período, aportou em Londres um jovem cavalheiro de nome Aubrey. Órfão e herdeiro de uma vultosa fortuna, ele partilhava a solidão com sua única irmã, visto que os pais de ambos haviam falecido quando ele era ainda uma criança. Abandonado igualmente por tutores que julgavam ser seu dever exclusivo a salvaguarda dos bens patrimoniais, ao passo que delegavam a tarefa mais relevante de sua instrução intelectual aos cuidados de subordinados mercenários, ele cultivou mais a imaginação do que o bom senso. Por conseguinte, nutria aquele elevado sentimento romântico de honra e retidão que arruína diariamente tantos jovens idealistas.

Acreditava que a totalidade dos homens nutria simpatia pela virtude e supunha que o vício não passava de um mero artifício, criado pela Providência para o efeito pitoresco do cenário, à semelhança do que deparamos nos romances; supunha que a miséria de uma choupana consistia apenas no uso de vestes que, conquanto calorosas, mostravam-se mais adequadas ao olhar do pintor por suas dobras irregulares e matizes variados. Por fim, cria que os delírios dos poetas constituíam a própria realidade da vida.

Ele era belo, sincero e abastado; por tais razões, ao ingressar nos círculos sociais, muitas matronas o cercavam em um esforço para descrever, com escassa veracidade, as qualidades de suas filhas prediletas, ora discretas, ora vivazes. As donzelas, por sua vez, com semblantes radiantes à sua aproximação e olhos cintilantes quando ele abria os lábios, logo o induziram a falsas noções acerca de seus próprios talentos e méritos. Apegado como se achava ao romantismo de suas horas solitárias, surpreendeu-se ao constatar que, exceto pelas velas de sebo e cera que tremeluziam — não devido à presença de um espectro, mas por negligência com o abafador —, carecia de fundamento na vida real qualquer um daqueles cenários e descrições aprazíveis contidos nos volumes que serviram de base para o seu estudo. Todavia, ao encontrar algum consolo em sua vaidade satisfeita, dispunha-se a abandonar os seus devaneios no exato instante em que o ser extraordinário acima descrito cruzou o seu caminho.

Ele o observava; e a própria impossibilidade de formar uma ideia acerca do caráter de um homem inteiramente absorto em si mesmo — o qual dava escassos indícios de sua percepção de objetos externos, além da tácita concordância com a existência deles, implícita no cuidado em evitar o contato físico —, permitiu que a sua mente retratasse tudo quanto lisonjeava a sua propensão a concepções extravagantes. Aubrey logo transformou aquele indivíduo no herói de um romance e decidiu observar o fruto de sua própria fantasia, em vez da pessoa real à sua frente. Tornou-se seu companheiro, dedicou-lhe atenções e, a tal ponto, cativou o seu interesse que a sua presença passou a ser sempre notada.

Gradualmente, soube que os negócios de Lord Ruthven se achavam em situação complexa e logo descobriu, pelos preparativos em curso na Rua ****, que o nobre se dispunha a viajar. Desejoso de colher informações sobre esse personagem singular, que até então apenas aguçara a sua curiosidade, Aubrey insinuou aos seus tutores que era chegado o momento de realizar a jornada a qual, por muitas gerações, fora considerada necessária para permitir que os jovens dessem passos rápidos na senda do vício, a fim de se igualarem aos mais velhos e não parecerem caídos do céu sempre que intrigas escandalosas fossem mencionadas como motivo de riso ou elogio, de acordo com o grau de destreza demonstrado em conduzi-las.

Os guardiões consentiram; e Aubrey, ao manifestar de imediato as suas intenções a Lord Ruthven, ficou surpreso ao receber dele a proposta de acompanhá-lo. Lisonjeado por tal

demonstração de estima vinda de alguém que, aparentemente, nada tinha em comum com os demais homens, aceitou de bom grado, e em poucos dias ambos já haviam cruzado as águas do canal.

Até então, Aubrey não tivera oportunidade de examinar detidamente o caráter de Lord Ruthven, e agora constatava que, embora muitas de suas ações tivessem sido expostas à sua observação, os resultados conduziam a conclusões distintas dos motivos aparentes de sua conduta. Seu companheiro mostrava-se pródigo em sua liberalidade; o ocioso, o vagabundo e o mendigo recebiam de suas mãos mais do que o necessário para o alívio de suas carências imediatas. Aubrey, contudo, não pôde deixar de notar que não era aos virtuosos, reduzidos à indigência pelas desventuras que se abatem até mesmo sobre a retidão, que o nobre concedia as suas esmolas; estes eram dispensados com um escárnio mal disfarçado. Todavia, quando o dissoluto vinha rogar por auxílio — não para mitigar as suas necessidades, senão para que lhe fosse permitido entregar-se à lascívia ou afundar-se ainda mais em sua iniquidade —, este se retirava provido de uma rica caridade. Tal fenômeno, no entanto, Aubrey atribuía à maior insistência do vicioso, a qual geralmente prevalece sobre a timidez retraída do necessitado virtuoso.

Havia uma circunstância na caridade de Sua Senhoria que ainda mais o impressionava: a totalidade daqueles a quem ela era concedida invariavelmente descobria que havia uma maldição sobre o benefício, pois todos terminavam conduzidos ao cadafalso ou submergiam na mais baixa e abjeta miséria. Em Bruxelas e nas demais cidades pelas quais passavam, Aubrey surpreendia-se com a aparente avidez com que seu companheiro buscava os antros de todos os vícios em voga; ali, ele se integrava ao espírito das mesas de faro. Apostava e jogava sempre com sucesso, exceto quando o trapaceiro tarimbado era o seu antagonista, ocasião em que perdia ainda mais do que arrecadava; procedia, contudo, sempre com a mesma fisionomia imutável com que costumava observar a sociedade ao redor. Não era, porém, o que ocorria quando se deparava com o jovem novato impetuoso ou com o pai azarado de uma família numerosa; nesses casos, o seu próprio desejo parecia ditar a lei da fortuna — aquela aparente distração desvanecia-se, e seus olhos brilhavam com mais intensidade do que os de um felino a entreter-se com uma presa quase morta. Em cada localidade, ele deixava o jovem outrora abastado, arrancado do círculo social que frequentava, a amaldiçoar, na solidão de uma masmorra, o destino que o arrastara para as garras daquele demônio; ao passo que muitos pais permaneciam entregues ao desespero, sob os olhares inquisitivos de crianças famintas e mudas, sem um único centavo de sua outrora imensa riqueza com que pudessem comprar sequer o bastante para saciar a fome presente dos filhos.

Contudo, ele não retirava proventos da mesa de jogo; de imediato perdia, para a ruína de muitos, a última moeda de ouro que acabara de arrebatar das mãos convulsivas dos inocentes, sem que se preocupasse com o próprio benefício. Isso só poderia resultar de um certo grau de conhecimento que, todavia, mostrava-se incapaz de combater a astúcia dos mais experientes. Aubrey amiúde desejava relatar tais impressões ao companheiro e implorar-lhe que renunciasse àquela caridade e àquele prazer que se provavam a ruína de todos; mas adiou o intento — pois a cada dia esperava que o nobre lhe oferecesse alguma oportunidade de falar franca e abertamente;

contudo, tal ensejo jamais ocorreu. Lord Ruthven, no interior de sua carruagem ou em meio às diversas e exuberantes paisagens da natureza, era sempre o mesmo: seus olhos comunicavam menos do que seus lábios; e, embora Aubrey estivesse próximo ao objeto de sua curiosidade, não obteve maior satisfação além da constante excitação de, em vão, ansiar por desvendar aquele mistério que, para a sua mente prodigiosa, começava a assumir os contornos de algo sobrenatural.

Logo aportaram em Roma, e Aubrey perdeu o seu companheiro de vista por algum tempo; deixou-o entregue aos cuidados diários do círculo matutino de uma condessa italiana, ao passo que saía em busca dos vestígios de outra cidade quase deserta. Enquanto se ocupava dessa atividade, chegaram cartas da Inglaterra, as quais ele abriu com ansiosa impaciência. A primeira provinha de sua irmã, repleta de afeto; as demais eram de seus tutores, e estas últimas o sobressaltaram. Se antes lhe ocorrera a vaga suspeita de que havia uma força maligna a residir em seu companheiro, tais missivas pareciam fornecer-lhe motivos suficientes para consolidar essa crença.

Seus guardiões insistiram para que ele abandonasse imediatamente o nobre e argumentaram que o caráter de sua senhoria era terrivelmente vicioso, visto que a posse de irresistíveis poderes de sedução tornava os seus hábitos licenciosos ainda mais perigosos para a sociedade. Descobriu-se que o seu desdém pela adúltera comum não se originara do asco a ela, mas sim do fato de que ele exigia, para o requinte de sua satisfação, que a sua vítima — a cúmplice de sua culpa — fosse arremessada do ápice da virtude imaculada para o abismo mais profundo da infâmia e da degradação. Em suma: constatou-se que a totalidade daquelas mulheres a quem ele procurara, aparentemente atraído por suas virtudes, desde a sua partida, havia abandonado até mesmo a máscara da decência, sem hesitar em expor toda a deformidade de suas torpezas ao olhar público.

Aubrey decidiu abandonar um indivíduo cujo caráter ainda não havia demonstrado um único ponto positivo em que se pudesse fixar o olhar. Resolveu inventar algum pretexto plausível para deixá-lo de vez; propôs-se, entretanto, a observá-lo com maior atenção, a fim de não permitir que passasse despercebida nenhuma circunstância, por mais insignificante que fosse. Ingressou no mesmo círculo social e logo percebeu que Sua Senhoria intentava aproveitar-se da inexperiência da filha da dama cuja residência ele frequentava com assiduidade. Na Itália, é raro encontrar uma mulher solteira em sociedade; ele, portanto, via-se obrigado a conduzir os seus planos em segredo. Contudo, o olhar de Aubrey o seguia a cada passo, de sorte que logo descobriu a marcação de um encontro, o qual provavelmente culminaria na ruína de uma jovem inocente, embora imprudente.

Sem perder tempo, entrou nos aposentos de Lord Ruthven e perguntou-lhe abruptamente quais eram suas intenções em relação à donzela, ao mesmo tempo em que o notificava de que sabia de seu encontro naquela mesma noite. Lord Ruthven respondeu que suas intenções eram as mesmas que supunha que qualquer um teria em tal ocasião; e, ao ser interpelado se pretendia desposá-la, limitou-se a rir. Aubrey retirou-se e, no mesmo instante, redigiu um bilhete no qual declarava que, a partir daquele momento, recusava-se a acompanhar Sua Senhoria no restante da jornada planejada.

Ordenou ao seu lacaio que providenciasse outros aposentos e, em visita à mãe da jovem, relatou-lhe tudo quanto sabia, não apenas a respeito de sua filha, mas também sobre o caráter de Sua Senhoria.

O encontro foi impedido. No dia seguinte, Lord Ruthven limitou-se a enviar o seu próprio criado para comunicar sua total anuência com a separação, sem insinuar a menor suspeita de que os seus planos tivessem sido frustrados pela intervenção de Aubrey.

Tendo deixado Roma, Aubrey dirigiu-se à Grécia e, ao atravessar a península, logo se viu em Atenas. Fixou residência na morada de um grego e de pronto se ocupou em desvendar os registros desbotados da antiga glória em monumentos que — aparentemente envergonhados de registrar os feitos de homens livres apenas diante de escravos — haviam se ocultado sob a terra protetora ou o líquen multicolorido.

Sob o mesmo teto que ele, habitava um ser tão belo e delicado que bem poderia ter servido de modelo para um pintor que desejasse retratar em tela a bem-aventurança prometida aos fiéis no paraíso de Maomé, não fosse o fato de seus olhos revelarem uma mente tão profunda que ninguém cogitaria que ela pertencesse a quem não possuísse alma. Enquanto dançava na planície ou galopava pela encosta da montanha, dir-se-ia que a gazela era uma representação pálida de sua graça; pois quem trocaria o seu olhar, manifestação pura da natureza viva, por aquele vislumbre sonolento e voluptuoso do animal, próprio apenas do gosto de um epicurista? O passo leve de Ianthe frequentemente acompanhava Aubrey em sua busca por antiguidades; e muitas vezes a jovem, alheia a tudo e absorta na perseguição de uma borboleta da Caxemira, revelava a inteira beleza de sua forma, a flutuar como que ao sabor do vento, diante do olhar ávido do rapaz. Este se esquecia das letras que acabara de decifrar em uma lápide quase apagada, inteiramente absorto na contemplação daquela figura esguia. Muitas vezes, seus cabelos, ao caírem enquanto ela se movia, exibiam sob os raios do sol matizes tão delicadamente brilhantes e tão céleres em seu desvanecimento, que bem justificavam o esquecimento do antiquário, o qual deixava escapar da mente o próprio objeto que antes considerara de vital importância para a correta interpretação de uma passagem de Pausânias. Mas por que tentar descrever encantos que todos sentem, mas ninguém consegue mensurar? Era a inocência, a juventude e a beleza, imunes aos salões repletos e aos bailes sufocantes da alta sociedade.

Muitas vezes, enquanto ele desenhava os vestígios que desejava preservar como memorial para o futuro, ela permanecia ao lado, a observar os efeitos mágicos de seu lápis ao traçar as cenas de sua terra natal. Então, descrevia-lhe a dança circular na planície aberta; pintava para ele, com todas as cores vibrantes da memória juvenil, a pompa de um casamento a que se lembrava de ter assistido na infância; e, ao retornar a assuntos que evidentemente lhe haviam causado maior impressão, contava-lhe as histórias sobrenaturais de sua ama. Sua seriedade e aparente crença no que narrava despertavam o interesse até mesmo de Aubrey; e não poucas vezes, enquanto ela lhe

expunha a história do vampiro vivo — que passara anos entre seus amigos e entes queridos, forçado, a cada ano, a alimentar-se da vida de uma bela mulher para prolongar a própria existência pelos meses seguintes —, o sangue do jovem gelava, ao mesmo tempo em que ele tentava fazê-la rir de tais fantasias vãs e horrendas. Ianthe, contudo, citava-lhe os nomes de anciãos que finalmente haviam descoberto um monstro a residir entre eles, após vários de seus parentes próximos e filhos terem sido encontrados com a marca do apetite do demônio. Ao vê-lo tão incrédulo, a jovem implorava que ele nela acreditasse, pois se observara que aqueles que ousavam questionar tal existência sempre recebiam alguma prova que os obrigava, com tristeza e pesar, a confessar a verdade.

Ela detalhou a aparência tradicional desses seres, e o horror de Aubrey cresceu ao ouvir uma descrição bastante precisa de Lord Ruthven. Ele, no entanto, persistiu no intuito de persuadi-la de que não poderia haver verdade em seus temores, embora em paralelo se espantasse com as muitas coincidências que contribuíam para despertar a crença no poder sobrenatural do nobre.

Aubrey começou a se apegar cada vez mais a Ianthe. A inocência dela, tão contrastante com todas as virtudes afetadas das mulheres entre as quais ele buscara inspiração para o seu romance, conquistou o seu coração; e, embora ridicularizasse a ideia de um jovem de hábitos ingleses consorciar-se com uma grega sem instrução, ainda assim se via cada vez mais cativo daquela figura quase feérica à sua frente. Às vezes, afastava-se dela e, ao elaborar o plano para alguma pesquisa arqueológica, partia, determinado a não retornar até que atingisse o seu objetivo; contudo, mostrava-se-lhe impossível fixar a atenção nas ruínas ao redor, enquanto em sua mente permanecia uma imagem que parecia a única legítima detentora de seus pensamentos. Ianthe desconhecia esse amor e permanecia sempre o mesmo ser franco e infantil que ele conhecera. Ela costumava despedir-se dele com relutância; mas era porque não tinha mais ninguém com quem pudesse visitar os seus lugares favoritos, enquanto o seu hóspede se ocupava em esboçar ou descobrir algum fragmento que ainda escapara da mão destrutiva do tempo.

A jovem consultara seus pais sobre o tema dos vampiros, e ambos, com vários outros presentes, confirmaram a existência das criaturas, a empalidecer de horror só de ouvir o nome. Logo depois, Aubrey decidiu prosseguir com uma de suas excursões, a qual o deteria por algumas horas. Quando ouviram o nome do lugar, todos imediatamente lhe imploraram que não retornasse à noite, pois ele necessariamente teria de atravessar uma floresta onde nenhum grego jamais permaneceria, após o pôr do sol, sob nenhuma circunstância. Descreveram o local como o refúgio dos vampiros em suas orgias noturnas e denunciaram os males mais terríveis como iminentes para aquele que ousasse cruzar o seu caminho. Aubrey minimizou tais relatos e tentou fazê-los esquecer a ideia por meio do riso; mas, quando os viu estremecer diante de sua ousadia em zombar de um poder infernal superior, cujo próprio nome aparentemente lhes gelava o sangue, ele guardou silêncio.

Na manhã seguinte, Aubrey partiu solitário para a sua excursão; ficou surpreso ao observar o semblante melancólico de seu anfitrião e preocupado ao constatar que suas próprias palavras, a mofar da crença naqueles demônios horríveis, haviam infundido tanto terror na família. Quando ele se dispunha a marchar, Ianthe aproximou-se de sua montaria e implorou-lhe que retornasse antes que a noite permitisse a manifestação do poder daquelas criaturas; ele prometeu.

Estava, contudo, tão absorto em suas pesquisas que não percebeu a celeridade com que a luz do dia se esvaía, nem que no horizonte se aglomerava um daqueles pontos que, em climas mais cálidos, adensam-se rapidamente em massa imensa para descarregar toda a sua fúria sobre a terra. Finalmente, porém, montou a cavalo, determinado a compensar a demora com a velocidade; mas era tarde demais. O crepúsculo, nessas paragens meridionais, é quase inexistente; assim que o sol se ocultou, a noite desabou. Antes que ele pudesse avançar muito, o poder da tempestade já o encurralara — os trovões ecoantes mal davam trégua —, e a chuva espessa e pesada abria caminho através da folhagem densa, ao passo que relâmpagos azulados pareciam irromper e irradiar a seus pés.

De repente, a montaria assustou-se, e ele foi levado com terrível rapidez pela floresta emaranhada. O animal, por fim exausto, deteve-se, e o rapaz percebeu, pelo clarão dos relâmpagos, que se achava próximo a uma choupana que mal sobressaía da massa de folhas secas e arbustos ao redor. Ao desmontar, aproximou-se na esperança de encontrar um guia até a cidade ou, ao menos, um abrigo contra a fúria do temporal. Ao se avizinhar, os trovões, que por um instante silenciaram, permitiram-lhe ouvir os gritos pavorosos de uma mulher mesclados a uma risada abafada e exultante, num som quase ininterrupto. Aubrey sobressaltou-se; mas, impelido pelo estrondo que novamente ecoou sobre a sua cabeça, num esforço repentino, arrombou a porta da cabana.

Encontrou-se na mais completa escuridão; o som, porém, servia-lhe de guia. Ao que parecia, sua presença não foi notada; pois, embora clamasse, os clamores alheios persistiam e ninguém lhe dava atenção. Deparou-se com vulto humano, a quem agarrou imediatamente, momento em que uma voz bradou: "De novo frustrado!", seguida de uma gargalhada estridente. Ele se viu retido por alguém cuja força parecia sobre-humana. Determinado a vender caro a própria vida, lutou; foi, contudo, em vão: acabou erguido do chão e arremessado com enorme violência contra o solo. O inimigo atirou-se sobre ele e, de joelhos sobre o seu peito, cravou as mãos em sua garganta — instante em que o brilho de muitas tochas, a penetrar pela fresta que iluminava o recinto durante o dia, o perturbou. O agressor levantou-se imediatamente e, ao abandonar a presa, retirou-se célere pela porta; em um piscar de olhos, o estrépito dos galhos colididos na mata cessou.

A tempestade agora amainara; e Aubrey, incapaz de se mover, logo foi ouvido por aqueles que se encontravam do lado de fora. Eles adentraram o recinto; a luz de suas tochas incidiu sobre as paredes de barro, e o teto de palha mostrou-se coberto por pesadas laranjas de fuligem. A pedido de Aubrey, saíram à procura daquela que o atraíra com seus gritos; ele ficou novamente a sós na

escuridão. Qual não foi, porém, o seu horror quando o clarão das tochas o iluminou mais uma vez, a revelar a figura etérea de sua bela guia, agora reduzida a um cadáver sem vida.

Ele cerrou os olhos, na expectativa de que fosse apenas uma quimera fruto de sua imaginação perturbada; mas, ao abri-los, contemplou novamente a mesma figura estendida ao seu lado. Não havia cor em sua face, nem mesmo em seus lábios; contudo, restava uma quietude em seu semblante que parecia quase tão persistente quanto a vida que ali habitara. Em seu pescoço e peito havia sangue e, na garganta, marcas de dentes que haviam rompido a veia. Para tais indícios os homens apontaram, a clamar em uníssono, tomados de espanto: "Uma vampira! Uma vampira!"

De pronto se improvisou uma liteira, e Aubrey foi colocado ao lado daquela que, até há pouco, fora o objeto de tantas visões brilhantes e encantadoras, agora ceifada na flor da juventude. Ele não coordenava os próprios pensamentos — sua mente achava-se entorpecida e parecia evitar a reflexão, a refugiar-se no vazio —; segurava, quase inconscientemente, uma adaga nua de modelo específico, a qual fora encontrada no chão da cabana.

Logo receberam o encontro de outros grupos que buscavam a jovem desaparecida. Os lamentos da comitiva, à medida que se aproximavam da cidade, prenunciavam aos pais uma terrível catástrofe. Descrever tamanha dor seria impossível; mas, quando os genitores descobriram a causa da morte da filha, fixaram os olhos em Aubrey e apontaram para o cadáver. Ficaram inconsoláveis; ambos faleceram com o coração partido.

Ao ser recolhido ao leito, Aubrey foi acometido por uma febre voraz e amiúde delirava; nesses intervalos, invocava Lord Ruthven e Ianthe — por alguma inexplicável associação, parecia suplicar ao seu antigo companheiro que poupasse o ser que ele amava. Em outros momentos, lançava imprecações sobre o nobre e o amaldiçoava como o seu flagelo.

Lord Ruthven, por acaso, aportou em Atenas nessa mesma época e, por algum motivo, ao tomar ciência do estado de Aubrey, de imediato se instalou na mesma morada e tornou-se o seu assistente constante. Quando o rapaz se recuperou do delírio, ficou horrorizado e sobressaltado ao avistar aquele cuja imagem agora associava à de um vampiro; mas Lord Ruthven, com palavras gentis — as quais quase insinuavam arrependimento pela falta que motivara a separação — e, ainda mais, pela atenção, desvelo e solicitude que demonstrava, logo o reconciliou com a sua presença.

Sua Senhoria parecia completamente transformada; não mais se apresentava como aquele ser apático que tanto surpreendera Aubrey. Contudo, assim que a convalescença do jovem começou a progredir, o nobre retornou gradualmente ao mesmo estado de espírito anterior, de sorte que Aubrey não percebeu nenhuma diferença em relação ao homem de outrora, exceto pelo fato de que, às vezes, surpreendia-se ao encontrar o olhar do outro fixo em si, com um sorriso de exultação maliciosa a brincar-lhe nos lábios. Ele não sabia a razão, mas esse esgar o assombrava.

Durante a última fase da recuperação do enfermo, Lord Ruthven aparentemente se dedicava a contemplar as ondas sem marés elevadas pela brisa refrescante, ou a acompanhar o progresso daqueles orbes que circundam, à semelhança do nosso mundo, o sol imóvel; — em verdade, ele parecia desejar esquivar-se aos olhares de todos.

A mente de Aubrey, em decorrência desse choque, ficou sobremaneira debilitada, e aquela vivacidade de espírito que outrora tanto o distinguira parecia ter desaparecido para sempre. Ele agora amava a solidão e o silêncio tanto quanto Lord Ruthven; mas, por mais que ansiasse pelo isolamento, sua alma não conseguia encontrá-lo nos arredores de Atenas. Se o procurasse entre as ruínas que antes frequentava, a silhueta de Ianthe assomava ao seu lado — se o buscasse nos bosques, seus passos leves surgiam a vagar pela mata rasteira, em busca da modesta violeta; então, de repente, ao girar o corpo, a jovem revelava, à sua imaginação fértil, o rosto pálido e a garganta ferida, com um sorriso tímido nos lábios.

Ele decidiu fugir de todos os locais cujos pormenores evocavam associações tão amargas em sua mente. Propôs a Lord Ruthven — a quem se sentia ligado pelo desvelo que este lhe dedicara durante a sua enfermidade — que visitassem as regiões da Grécia que nenhum dos dois ainda conhecia. Viajaram em todas as direções e buscaram cada sítio que pudesse servir de distração; mas, embora se apressassem de um ponto a outro, pareciam não dar atenção ao que contemplavam. Ouviram falar amiúde de salteadores, mas gradualmente começaram a menosprezar tais relatos, os quais imaginavam ser mera invenção de indivíduos cujo interesse era estimular a generosidade daqueles a quem defendiam de supostos perigos.

Em consequência de negligenciarem os conselhos dos habitantes, em certa ocasião viajaram providos de escassos guardas, mais para servirem de guias do que propriamente de escolta. Ao entrarem, contudo, em um desfiladeiro estreito, no fundo do qual corria o leito de uma torrente entre grandes blocos de rocha desprendidos dos penhascos vizinhos, tiveram motivos para se arrepender de sua incúria. Mal todo o grupo se introduzira na passagem estreita, foram surpreendidos pelo silvo de projéteis perto de suas cabeças e pelo eco de vários disparos. Num instante, os guardas os abandonaram e, ao se posicionarem atrás das rochas, começaram a atirar na direção de onde provinha o ataque.

Lord Ruthven e Aubrey, a imitarem o exemplo, recuaram por um momento para trás da curva protegida do desfiladeiro; mas, envergonhados por se verem assim encurralados por um inimigo que, com clamores insultuosos, os incitava a avançar, e expostos a um massacre sem resistência caso algum dos salteadores subisse e os acometesse pela retaguarda, decidiram imediatamente investir em busca do adversário. Mal haviam perdido a proteção da rocha, Lord Ruthven foi atingido por um tiro no ombro, o qual o derrubou. Aubrey correu em seu auxílio e, sem mais se importar com o combate ou com o próprio perigo, logo se sobressaltou ao avistar os rostos

dos bandoleiros ao seu redor — seus guardas, ao testemunharem o ferimento de Lord Ruthven, imediatamente lançaram as armas ao chão e se renderam.

Com promessas de vultosa recompensa, Aubrey logo os convenceu a transportar o amigo ferido para uma choupana próxima; e, tendo acordado um resgate, não se incomodou mais com a presença dos bandoleiros — contentando-se em apenas guardar a entrada até que o seu camarada retornasse com a quantia aprazada, para a qual ele emitira uma ordem de pagamento. As forças de Lord Ruthven declinaram rapidamente; em dois dias, a gangrena o atingiu, e a morte parecia avançar a passos largos. Seu comportamento e fisionomia não haviam mudado; ele se mostrava tão alheio à dor quanto aos objetos ao seu redor. Contudo, ao cair da noite, sua mente tornou-se visivelmente inquieta, e o seu olhar frequentemente se fixava em Aubrey, o qual se viu induzido a oferecer auxílio com mais fervor do que o habitual:

— Valha-me! Você pode me salvar — você pode fazer mais do que isso —, não me refiro à minha vida, pois o fim de minha existência importa-me tão pouco quanto a passagem do dia; mas você pode salvar a minha honra, a honra de seu amigo.

— Como? Diga-me de que modo? Eu faria qualquer coisa — respondeu Aubrey.

— Preciso de pouco — minha vida se esvai célere — não consigo explicar tudo —, mas se você ocultar tudo quanto sabe a meu respeito, minha honra estará livre de mácula perante o mundo. E se a minha morte permanecer desconhecida por algum tempo na Inglaterra... eu... eu... mas a vida…

— Nada será divulgado.

— Jure! — exclama o moribundo, a erguer-se com violência exultante. — Jure por todos os seus preceitos, por todos os seus temores; jure que, durante um ano e um dia, você não revelará o conhecimento de meus crimes ou de minha morte a nenhum ser vivo, de forma alguma, suceda o que ocorrer, veja o que vir.

Seus olhos pareciam saltar das órbitas.

— Eu juro! — disse Aubrey.

O nobre afundou, a rir, no travesseiro, e não mais respirou.

Aubrey recolheu-se para descansar, mas não conseguiu conciliar o sono; as inúmeras circunstâncias que envolviam o seu encontro com aquele homem assomavam-lhe à mente, sem que ele soubesse a razão. Ao recordar o seu juramento, um calafrio gélido o percorreu, como se pressentisse o horror que o aguardava.

Ao levantar-se cedo pela manhã, dispunha-se a entrar na cabana onde deixara os despojos, quando um salteador o barrou para informar que o corpo não mais se encontrava ali; fora levado por ele e seus companheiros, logo após a partida do rapaz, ao cume de uma montanha próxima, em cumprimento a uma promessa que haviam feito a Sua Senhoria: a de que seus restos seriam expostos ao primeiro raio frio da lua que surgisse após o seu passamento.

Aubrey, atônito, reuniu alguns homens e decidiu sepultá-lo no local onde jazia. Mas, ao alcançar o topo, não encontrou nenhum vestígio do cadáver ou das vestes, embora os salteadores jurassem ter indicado a mesma rocha onde haviam depositado o corpo. Por algum tempo, sua mente ficou confusa diante de tantas conjecturas, mas ele finalmente retornou, convencido de que os homens haviam enterrado o cadáver em segredo para se apropriarem das roupas.

Cansado de um país onde sofrera tantas desventuras terríveis e onde tudo parecia conspirar para intensificar a melancolia supersticiosa que o acometera, resolveu partir e logo aportou em Esmirna. Enquanto aguardava uma embarcação que o levasse a Otranto ou Nápoles, ocupou-se em organizar os pertences que trazia consigo, os quais haviam pertencido a Lord Ruthven.

Entre outros objetos, havia um estojo que continha diversas armas ofensivas, mais ou menos adequadas para garantir a morte de uma vítima. Deparou-se com várias adagas e atagãs. Ao examinar-lhes as formas curiosas, surpreendeu-se ao encontrar uma bainha aparentemente ornamentada no mesmo estilo daquela adaga descoberta na cabana fatal — ele estremeceu — e, apressando-se em obter maiores provas, buscou a arma. Pode-se imaginar o seu horror ao constatar que ela se ajustava, embora dotada de um formato peculiar, na bainha que segurava na mão. Seus olhos pareciam carecer de mais certeza — achavam-se fixos na lâmina —; ainda assim, ele desejava não crer. Porém, o formato específico e as mesmas variações de tonalidade no cabo e na bainha mostravam-se igualmente esplêndidas em ambas e não deixavam margem para dúvidas; notavam-se também vestígios de sangue em cada uma.

Ele partiu de Esmirna e, a caminho de casa, ao passar por Roma, suas primeiras investigações foram acerca da donzela a quem tentara arrebatar das sedutoras artimanhas de Lord Ruthven. Descobriu que os pais dela se achavam em apuros, com a fortuna arruinada, e não se colhera nenhuma notícia da jovem desde a partida de Sua Senhoria. A mente de Aubrey ficou quase transtornada por tantos horrores repetidos; temia que aquela dama também tivesse caído vítima do mesmo flagelo de Ianthe.

Tornou-se taciturno e silencioso; sua única ocupação consistia em apressar os cocheiros, como se corresse para salvar a vida de alguém que lhe fosse caro. Chegou a Calais; uma brisa, que parecia obedecer à sua vontade, logo o conduziu à costa inglesa. Ele se apressou rumo à mansão de seus pais e lá, por um instante, pareceu esquecer, nos abraços e carícias de sua irmã, toda a lembrança do passado. Se antes, com seus carinhos infantis, ela conquistara o seu afeto, agora que os traços de mulher começavam a desabrochar, mostrava-se ainda mais cativante como companheira.

A senhorita Aubrey não possuía aquela graça cativante que costuma atrair olhares e aplausos nas assembleias dos salões. Não havia nela o brilho luminoso que viceja apenas na atmosfera abafada de um aposento lotado. Seus olhos azuis jamais se iluminavam com a leviandade da mente que os preenchia; guardavam, em verdade, um charme melancólico que não parecia emanar de infortúnio algum, mas de um sentimento interior que indicava uma alma cônscia de um reino mais luminoso. Seus passos não eram do tipo que vagueia ao sabor do vento, para onde quer que uma borboleta ou uma cor os atraia — mostravam-se serenos e pensativos.

Quando sozinha, seu rosto jamais se iluminava com um sorriso de alegria; mas quando o irmão lhe demonstrava afeto e, em sua presença, parecia esquecer as mágoas que ela bem sabia que lhe destruíam o descanso, quem trocaria o seu semblante pelo de uma mulher voluptuosa? Parecia que aqueles olhos — aquela face — brincavam na luz de sua própria esfera natal. Ela contava apenas dezoito anos e ainda não fora apresentada à corte, visto que os tutores julgaram mais apropriado adiar a sua estreia até o retorno do irmão do continente, ocasião em que ele poderia protegê-la. Ficou decidido, portanto, que o próximo baile, o qual se aproximava célere, seria a oportunidade de sua entrada na cena agitada da sociedade.

Aubrey preferia ter permanecido na mansão dos pais, a alimentar-se da melancolia que o consumia. Mostrava-se-lhe impossível manifestar interesse pelas frivolidades de estranhos alinhados à moda, quando sua mente se achava tão perturbada pelos eventos a que assistira; estava, contudo, determinado a sacrificar o próprio conforto em prol da salvaguarda da irmã. Logo alcançaram a cidade e se prepararam para o dia seguinte, o qual fora anunciado como a data da grande recepção.

A multidão mostrava-se imensa — fazia muito que não se realizava uma festa em tais salões —, de sorte que todos os que ansiavam por receber o sorriso da realeza se apressaram para lá. Aubrey compareceu acompanhado da irmã. Enquanto permanecia imóvel em um canto, solitário, alheio a tudo ao redor e absorto na lembrança de que a primeira vez que vira Lord Ruthven fora naquele mesmo lugar, sentiu-se subitamente agarrado pelo braço, ao passo que uma voz, a qual reconheceu perfeitamente, soou-lhe ao ouvido:

— Lembre-se do seu juramento.

Mal teve coragem de se voltar, temeroso de deparar com um espectro que o acometesse, quando avistou, a escassa distância, a mesma figura que lhe chamara a atenção naquele mesmo recinto em sua primeira aparição social. Olhou fixamente até que, com as pernas quase a se recusarem a suportar o peso do corpo, viu-se obrigado a amparar-se no braço de um amigo; abriu caminho em meio ao povaréu, atirou-se em sua carruagem e seguiu rumo a casa.

Ele caminhava a passos largos pelo quarto, com as mãos na cabeça, como se temesse que os pensamentos lhe fossem explodir do cérebro. Lord Ruthven achava-se novamente diante de si — as circunstâncias desenrolavam-se em uma sequência terrível —, a adaga, o seu compromisso de silêncio... Ele se despertou desse torpor, pois não conseguia crer na possibilidade de os mortos ressuscitarem. Pensou que a própria imaginação conjurara a imagem sobre a qual sua mente repousava. Sendo impossível que aquilo fosse real, decidiu retornar aos círculos sociais; contudo, embora tentasse inquirir sobre o paradeiro de Lord Ruthven, o nome congelava-lhe nos lábios, sem que obtivesse qualquer informação.

Algumas noites depois, foi com a irmã à recepção na residência de um parente próximo. Ao deixá-la sob a proteção de uma matrona, retirou-se para um recanto e ali se entregou aos próprios pensamentos devoradores. Ao perceber, finalmente, que muitos já se retiravam, despertou e, ao entrar em outra sala, encontrou a irmã cercada por várias pessoas, aparentemente absortas em séria conversação. Ele tentou passar para se aproximar dela; mas, no instante em que pediu a um indivíduo que se afastasse, este se voltou e revelou-lhe as feições que ele mais detestava.

Aubrey saltou à frente, agarrou o braço da irmã e, com passos precipitados, a empurrou em direção à rua. Junto à porta, viu-se impedido de avançar devido à multidão de criados que aguardavam por seus senhores; e, enquanto tentava abrir passagem entre eles, ouviu novamente aquela voz sussurrar-lhe de perto:

— Lembre-se do seu juramento!

Ele não ousou voltar a face; mas, a apressar a irmã, logo alcançou o recesso de seu lar.

Aubrey ficou quase transtornado. Se antes sua mente se achava absorta em um único assunto, quão mais completamente se encontrava agora, com a certeza de que o monstro ainda vivia a pressionar-lhe os pensamentos de forma incessante. Os apelos da irmã eram agora ignorados, e foi em vão que ela lhe implorou que explicasse o motivo de seu comportamento abrupto. Ele proferiu apenas poucas palavras, e estas a aterrorizaram.

Quanto mais refletia, mais perplexo ficava. Seu compromisso de silêncio o assustava; deveria, então, permitir que aquele monstro vagasse, a carregar a ruína em seu hálito, em meio a tudo o que lhe era caro, sem opor resistência ao seu avanço? Até mesmo a sua irmã poderia vir a ser enredada por ele. Mas, ainda que quebrasse o juramento e revelasse as suas suspeitas, quem lhe daria crédito? Pensou em recorrer à própria mão para livrar o mundo de semelhante desgraçado; lembrou-se, contudo, de que a morte já fora zombada por aquela criatura.

Permaneceu nesse estado por dias. Trancado no aposento, a ninguém via e só se alimentava quando a irmã vinha visitá-lo; esta, com os olhos marejados de lágrimas, suplicava-lhe, por amor a ela, que nutrisse o corpo. Por fim, não mais suportando a quietude e a solidão, saiu de casa; vagou de rua em rua, ansioso por escapar daquela imagem que o perseguia. Suas vestes tornaram-se descuidadas, e ele perambulava exposto tanto ao sol do meio-dia quanto ao sereno da meia-noite. Já não mais o reconheciam; a princípio, retornava ao lar ao entardecer, mas, por fim, deitava-se para descansar onde quer que o esgotamento físico o abatesse.

A irmã, preocupada com a sua integridade, contratou pessoas para segui-lo, as quais logo eram despistadas pelo rapaz, que fugia de um perseguidor mais célere que qualquer outro — o próprio pensamento. Seu comportamento, porém, mudou de súbito. Impressionado com a ideia de que, por sua ausência, deixara para trás os seus amigos expostos a um demônio cuja presença desconheciam, resolveu retornar ao convívio social para vigiá-lo atentamente, ansioso por alertar, apesar do juramento, a todos aqueles de quem Lord Ruthven se aproximasse com intimidade.

Contudo, ao ingressar em um recinto, o seu semblante abatido e desconfiado mostrava-se tão marcante, e os seus tremores internos tão visíveis, que a irmã finalmente se viu obrigada a implorar que ele se abstivesse de buscar, por consideração a ela, uma companhia que o afetava de modo tão profundo. Quando, porém, a admoestação se provou inútil, os tutores julgaram conveniente intervir e, temerosos de que a mente do jovem estivesse alienada, consideraram oportuno reassumir a responsabilidade que lhes fora confiada pelos pais de Aubrey.

Desejosos de poupá-lo dos ferimentos e agruras que enfrentava diariamente em suas andanças, e de impedi-lo de expor ao olhar público as marcas do que consideravam loucura, contrataram um médico para residir na mansão e cuidar dele constantemente. Ele mal parecia notar a presença do facultativo, tão completamente absorto achava-se o seu espírito naquele assunto terrível. Sua incoerência tornou-se, por fim, de tal magnitude que ele foi confinado ao próprio quarto.

Lá, muitas vezes, permanecia deitado por dias, incapaz de ser despertado. Estava emaciado, e seus olhos adquiriram um brilho vítreo; o único sinal de afeto e memória que lhe restava

manifestava-se com a entrada da irmã. Então, às vezes, ele se sobressaltava e, a segurar as mãos dela com olhares que a afligiam profundamente, pedia-lhe que ficasse alerta:

— Oh, não o toque! Se o seu amor por mim é verdadeiro, não se aproxime dele!

Quando, porém, ela indagava a quem ele se referia, sua única resposta consistia em repetir:

— Verdade! Verdade!

E novamente ele mergulhava em um torpor do qual nem mesmo ela conseguia despertá-lo. Essa situação arrastou-se por muitos meses. Gradualmente, contudo, à medida que o ano se esvaía, as suas incoerências tornaram-se menos frequentes, e a mente se livrou de parte daquela melancolia, ao passo que os cuidadores observavam que, várias vezes ao dia, ele contava nos dedos um número definido e, então, sorria.

O tempo estava quase no fim quando, no último dia do ano, um de seus tutores, ao entrar em seu quarto, começou a conversar com o médico sobre a triste situação de Aubrey, o qual se encontrava em momento tão difícil, justamente quando a irmã iria se casar no dia seguinte. Imediatamente, a atenção de Aubrey foi despertada; ele indagou, ansioso, a quem se referiam.

Felizes com esse sinal de lucidez, da qual temiam que ele estivesse privado, mencionaram o nome do Conde de Marsden. Pensando tratar-se de um jovem conde que conhecera em público, Aubrey pareceu satisfeito e os surpreendeu ainda mais ao expressar a intenção de estar presente no matrimônio e o desejo de ver a irmã. Eles não objetaram e, em poucos minutos, a jovem achava-se a seu lado. Ele, aparentemente, mostrava-se outra vez capaz de se deixar comover por aquele belo sorriso; pois a apertou contra o peito e beijou-lhe a face, úmida de lágrimas que corriam ao pensamento de que o irmão estava, mais uma vez, receptivo aos sentimentos de afeto.

Ele começou a falar com todo o calor habitual e a felicitá-la pela união com uma pessoa tão distinta em posição social e em dotes de caráter; quando, de repente, percebeu um medalhão no peito da jovem. Ao abri-lo, qual não foi a sua surpresa ao contemplar as feições do monstro que por tanto tempo influenciara a sua vida? Ele arrebatou o retrato em um paroxismo de fúria e o pisoteou. Quando ela lhe perguntou por que destruíra daquela forma a imagem de seu futuro esposo, ele pareceu não a compreender — então, a segurar as mãos dela e a fitá-la com uma expressão frenética, ordenou-lhe que jurasse que jamais se consorciaria com aquele monstro, pois ele...

Mas ele não conseguiu prosseguir — parecia que aquela voz o obrigava novamente a se recordar do juramento —; voltou-se repentinamente, crente de que Lord Ruthven estivesse por perto, mas ninguém avistou. Enquanto isso, os guardiões e o médico, que tinham ouvido tudo e julgaram que aquilo não passava de uma recaída de seu distúrbio, adentraram o recinto e, a afastá-lo à força da senhorita Aubrey, pediram-lhe que a deixasse em paz. Ele caiu de joelhos diante deles; implorou, suplicou que adiassem a cerimônia por apenas um dia. Eles, contudo, a atribuírem o clamor à loucura que imaginavam ter se apoderado de sua mente, tentaram acalmá-lo e se retiraram.

Lord Ruthven surgira na manhã seguinte àquela visita aos salões, e fora recusado à porta, à semelhança de todos os outros. Ao tomar ciência do estado de saúde debilitado de Aubrey, prontamente se considerou o motivo; mas, ao descobrir que o rapaz fora considerado insano, sua exultação e prazer mal puderam ser disfarçados daqueles de quem colhera tal informação. Apressou-se rumo à residência de seu antigo companheiro e, com visitas constantes, a fingir grande afeição pelo irmão e interesse em seu destino, gradualmente conquistou a atenção da senhorita Aubrey.

Quem poderia resistir ao seu poder? Sua língua tinha perigos e dificuldades a relatar — sabia falar de si mesmo como um indivíduo que não nutria simpatia por nenhum outro ser na Terra, exceto por aquela a quem se dirigia —; sabia contar como, desde que a conhecera, a própria existência começara a parecer digna de preservação, ainda que fosse apenas para poder ouvir suas palavras suaves. Em suma: ele conhecia tão bem a arte da serpente, ou talvez assim fosse a vontade do destino, que conquistou o afeto da jovem. Com o título do ramo mais antigo finalmente legado a ele, obteve uma importante embaixada, o que serviu de pretexto para apressar as núpcias (apesar do estado desequilibrado do irmão dela), as quais deveriam ocorrer um dia antes de sua partida para o continente.

Ao ser deixado pelo médico e por seus tutores, Aubrey tentou subornar os criados, mas em vão. Pediu caneta e papel, que lhe foram concedidos. Escreveu uma carta à irmã, implorando-lhe — pois ela prezava a própria felicidade, a própria honra e a dignidade daqueles que agora jaziam no túmulo, os quais outrora a guardaram nos braços como a esperança de sua linhagem — que adiasse por algumas horas aquele enlace, sobre o qual ele lançava as mais graves maldições.

Os criados prometeram entregar a missiva; contudo, ao repassá-la ao médico, este achou por bem não perturbar mais o espírito da senhorita Aubrey com o que considerava os delírios de um maníaco. A noite passou sem descanso para os atarefados moradores da casa, e Aubrey ouviu, com um horror mais fácil de imaginar do que de descrever, os ruídos dos preparativos. A manhã chegou, e o som de carruagens invadiu-lhe os ouvidos. Aubrey achava-se à beira da loucura.

A curiosidade dos criados finalmente venceu a vigilância, e eles se retiraram aos poucos, a deixá-lo aos cuidados de uma velha indefesa. Ele aproveitou a oportunidade, evadiu-se do aposento num salto e, num instante, alcançou o salão onde quase todos se encontravam reunidos. Lord Ruthven foi o primeiro a reconhecê-lo: aproximou-se imediatamente e, a segurar-lhe o braço com força, arrastou-o para fora do recinto, mudo de cólera. Já na escadaria, Lord Ruthven sussurrou-lhe ao ouvido:

— Lembre-se do seu juramento e saiba que, se não for minha noiva hoje, sua irmã estará desonrada. As mulheres são frágeis!

Dito isso, empurrou-o em direção aos criados, que, alertados pela anciã, vinham à sua procura. Aubrey já não conseguia se manter em pé; sua fúria, sem encontrar vazão, rompeu um vaso sanguíneo, e ele foi levado para o leito. O ocorrido não foi mencionado à irmã, que não se achava presente quando ele irrompera no salão, pois o médico temia causar-lhe aflição. O matrimônio foi solenizado, e os recém-casados deixaram Londres.

A fraqueza de Aubrey aumentou; o sangramento intenso produziu sintomas de morte iminente. Ele solicitou que os responsáveis legais de sua irmã fossem chamados e, à meia-noite, relatou calmamente tudo o que se passara — e expirou logo em seguida.

Os guardiões correram para proteger a senhorita Aubrey; mas, quando a alcançaram, era tarde demais. Lord Ruthven havia desaparecido, e a irmã de Aubrey já sacrificara a sua vida para saciar a sede de um VAMPIRO!

EXTRATO DE UMA CARTA, CONTENDO UM RELATO DA RESIDÊNCIA DE LORD BYRON NA ILHA DE MITYLENE.

RELATO DA RESIDÊNCIA DE LORD BYRON, etc.

O mundo inteiro estava diante dele, restando-lhe escolher seu lugar de repouso, e a Providência servia-lhe de guia."

Navegando pelo arquipélago grego a bordo de uma das embarcações de Sua Majestade, no ano de 1812, aportamos em Mitilene, na ilha de mesmo nome. A beleza desse sítio e o suprimento garantido de gado e vegetais, sempre disponíveis na região, atraem muitos navios britânicos, tanto de guerra quanto mercantes; e, embora a localidade fique um pouco afastada da rota das naus com destino a Esmirna, suas riquezas compensam amplamente o desvio da viagem.

Desembarcamos, como de costume, nos fundos da baía. Enquanto a marujada se ocupava em abastecer os reservatórios de água e o comissário negociava as reses com os nativos, o clérigo e eu caminhamos até a gruta chamada Escola de Homero e a outros pontos que já havíamos visitado outrora. Na encosta do Monte Ida (uma pequena colina assim batizada), encontramos e contratamos um jovem grego para nos servir de guia.

Ele nos relatou que viera de Scio em companhia de um fidalgo inglês, o qual deixara a ilha quatro dias antes de nossa chegada a bordo de sua feluca.

— Ele me contratou como piloto — disse o grego —, e me teria levado consigo; preferi, contudo, não abandonar Mitilene, onde provavelmente tomarei esposa. Era um homem excêntrico, mas de excelente índole. A cabana do outro lado da colina, defronte ao rio, pertence-lhe, e ele deixou um senhor idoso encarregado de sua guarda. Deu a Dominick, o negociante de vinhos, seiscentos zequins pela propriedade e reside ali há cerca de quatorze meses; não de forma constante, todavia, pois navega com frequência em sua feluca rumo às diferentes ilhas.

Esse relato despertou sobremaneira a nossa curiosidade, de sorte que não perdemos tempo em nos dirigir à habitação onde o nosso compatriota se hospedara. Fomos gentilmente recebidos por um senhor idoso, o qual nos acompanhou pelas dependências da morada.

A residência consistia em quatro aposentos situados no rés-do-chão: um hall de entrada, uma sala de estar, uma sala de visitas e um quarto, este último provido de um espaçoso gabinete anexo. Todos os cômodos mostravam-se decorados de forma sóbria: paredes lisas tingidas de verde, mesas de mármore dispostas de cada lado, uma grande murta ao centro e uma pequena fonte logo abaixo, a qual jorrava água entre os ramos por meio de uma mola fixada à lateral de uma pequena Vênus de

bronze em posição reclinada; um amplo divã completava o mobiliário. No hall, viam-se meia dúzia de cadeiras de vime de fabricação inglesa e uma estante vazia: carecia o recinto de espelhos ou de uma única pintura sequer. O quarto dispunha apenas de um grande colchão estendido diretamente sobre o assoalho, acompanhado de dois edredons de algodão e uma almofada — o leito comum em toda a Grécia.

Na sala de estar, observamos um nicho de mármore o qual, segundo o ancião, outrora se achava repleto de livros e manuscritos; estes se encontravam então recolhidos em um grande baú de marinheiro no armário. O baú estava destrancado, mas não nos julgamos no direito de examinar o seu conteúdo. Sobre a superfície do nicho jaziam as obras completas de Voltaire, Shakespeare, Boileau e Rousseau; As Ruínas dos Impérios, de Volney; Zimmermann, em idioma alemão; O Messias, de Klopstock; os romances de Kotzebue; a peça Os Bandoleiros, de Schiller; O Paraíso Perdido, de Milton, em uma edição italiana impressa em Parma no ano de 1810; e vários panfletos de dimensões reduzidas oriundos da imprensa grega de Constantinopla, bastante carcomidos, mas nenhum volume em língua inglesa. A maioria desses tomos achava-se repleta de anotações marginais, traçadas a lápis em italiano e latim. O Messias estava literalmente rabiscado em toda a sua extensão e marcado com tiras de papel, nas quais também constavam observações.

— O senhor estava a ler estes tomos na noite anterior à sua partida e se esqueceu de recolhê-los com os demais; mas — acrescentou o ancião — eles devem permanecer ali até o seu retorno. Ele demonstra tal meticulosidade que, se eu movesse uma única coisa sem ordens, ele me repreenderia por uma semana inteira; fora isso, possui excelente índole. Certa vez, prestei-lhe um favor; e fico com a produção desta propriedade em troca do trabalho de zelar por ela, exceto por vinte zequins que pago a um armênio idoso que reside em uma pequena cabana na floresta, e a quem o senhor trouxe de Adrianópolis; não sei por qual razão.

A aparência externa da morada mostrava-se agradável. O pórtico frontal media cinquenta passos de comprimento por quatorze de largura, e os pilares de mármore canelado, dotados de plintos negros e cornijas rendilhadas (conforme o costume na arquitetura grega atual), elevavam-se consideravelmente acima do telhado. A cobertura, cercada por uma balaustrada de pedra clara, achava-se coberta por um fino tapete turco, sob um toldo de linho grosso e resistente. A maioria dos terraços das habitações é guarnecida dessa maneira, pois neles os gregos passam as suas noites a fumar, a sorver vinhos leves, como o Lacryma Christi, a comer frutas e a desfrutar da brisa noturna.

À esquerda, ao ingressarmos na propriedade, um pequeno riacho serpenteava, ao passo que videiras, laranjeiras e limoeiros se agrupavam em suas margens; sob a sombra de dois grandes arbustos de murta, havia um banco de mármore com encosto ornamental de madeira, no qual nos disseram que o fidalgo passava muitas de suas tardes e noites até a meia-noite, a ler, a escrever e a falar consigo mesmo.

— Suponho — concluiu o velho — que ele estivesse a rezar — pois se mostrava muito devoto —, e sempre frequentava a nossa igreja duas vezes por semana, além dos domingos.

A vista daquele sítio era o que bem se poderia denominar um panorama sublime. Uma fileira de vinhedos exuberantes conduzia o olhar até o Monte Calcla, coberto de oliveiras e murtas em flor, em cujo cume um antigo templo grego se erguia em majestosa decadência. Um pequeno riacho, que brotava das ruínas, descia em cascatas irregulares até se perder na mata, junto à base da montanha. O mar, liso como um espelho, e um horizonte sem a sombra de uma única nuvem completavam o cenário à frente; um pouco à esquerda, através de uma paisagem de castanheiros e palmeiras imponentes, várias pequenas ilhas mostravam-se distintamente visíveis, a pontilhar a onda azul-clara com matizes verde-esmeralda.

Raramente contemplei uma paragem como aquela; contudo, nossas investigações foram infrutíferas quanto ao nome do indivíduo que se hospedara naquela solidão romântica: ninguém sabia a sua identidade, exceto Dominick, o seu banqueiro, o qual partira para Cândia.

— O armênio — disse o nosso condutor — poderia revelá-lo, mas tenho certeza de que não o fará.

— E você não o pode dizer, meu velho amigo? — perguntei.

— Se eu pudesse — respondeu ele —, não me atreveria.

Carecíamos de tempo para visitar o armênio; mas, ao retornarmos à cidade, colhemos vários pormenores acerca do fidalgo isolado. Ele outorgara um dote a oito jovens donzelas quando estivera na ilha pela última vez, e até mesmo dançara com elas no banquete de núpcias. Concedera uma vaca a um homem, cavalos a outros, e algodão e seda às moças que subsistiam da tecelagem de tais artigos. Também adquirira um barco novo para um pescador que perdera a sua embarcação em uma tempestade, e frequentemente distribuía Novos Testamentos em idioma grego às crianças desamparadas. Em suma, pelo que logramos apurar, ele nos pareceu um personagem sobremaneira excêntrico e benevolente.

Soubemos, ademais, de uma circunstância que o nosso velho amigo da cabana julgou melhor omitir. Ele possuía uma filha belíssima, em cuja companhia o fidalgo era frequentemente visto a caminhar à beira-mar; ele lhe comprara um piano e a instruíra pessoalmente na arte de tocá-lo.

Foi com tais informações que partimos da pacífica ilha de Mitilene, com a nossa imaginação inteiramente estimulada, a tentar adivinhar quem seria aquele andarilho na Grécia. Era evidente que ele dispunha de vultosos recursos; possuía um espírito filantrópico e todas aquelas excentricidades que marcam um gênio peculiar.

Ao aportarmos em Palermo, todas as nossas dúvidas se dissiparam. Encontrando-nos com o Sr. Foster, o arquiteto — discípulo de Wyatt —, o qual havia viajado pelo Egito e pela Grécia, ele declarou:

— O indivíduo acerca do qual vocês se mostram tão ansiosos é Lord Byron; eu o encontrei em minhas viagens pela ilha de Tênedos e também o visitei em Mitilene.

Nunca tínhamos ouvido falar da fama de Sua Senhoria, visto que estávamos afastados do lar havia alguns anos; mas, ao termos Childe Harold em nossas mãos, reconhecemos o recluso de Calcla em cada página. Lamentamos profundamente não termos sido mais curiosos em nossas investigações na casa de campo; consolamo-nos, todavia, com a ideia de retornar a Mitilene em algum dia futuro. Mas, para mim, esse dia jamais retornará.

Faço esta declaração na crença de que ela não seja totalmente desinteressante, e em estrita justiça ao bom nome de Sua Senhoria, o qual foi grosseiramente caluniado. Ele foi descrito como alguém de temperamento insensível, avesso a se associar com a natureza humana ou a contribuir de qualquer forma para mitigar as suas agruras ou expandir os seus prazeres. O fato, contudo, é exatamente o oposto, como se pode constatar claramente a partir dessas pequenas anedotas. Todos os sentimentos mais nobres do coração, tão elegantemente retratados nos poemas de Sua Senhoria, parecem ter a sua morada em seu peito. Ternura, compaixão e caridade parecem guiar todas as suas ações; e a sua busca pelo repouso da solidão constitui uma razão adicional para considerá-lo um ser em cujo coração a Religião imprimiu o seu selo e sobre cuja cabeça a Benevolência lançou o seu manto.

Ninguém pode ler essas aprazíveis características sem sentir orgulho dele como compatriota. Com relação aos seus amores ou prazeres, não me considero no direito de emitir uma opinião. Os relatos devem sempre ser recebidos com cautela, especialmente quando dirigidos contra a integridade moral de um homem; e somente aquele que ousa justificar-se perante aquele tribunal terrível onde todos devem comparecer pode censurar os erros de um semelhante. O caráter de Lord Byron é digno de seu gênio. Fazer o bem em segredo e evitar os aplausos do mundo é o testemunho mais seguro de um coração virtuoso e de uma consciência íntegra.

FIM